



De quem é a memória? – O relato da trajetória de uma família iugoslava nos campos da Itália durante a Segunda Guerra Mundial

Whose memory? – The Story of Trajectory of an Yugoslavian Family in the Camps of Italy during the World War II.

Rafaela Barkay*

Resumo: Durante a Segunda Guerra Mundial, a família Dohan/Sprung, fugindo da perseguição nazista aos judeus na antiga Iugoslávia foi detida pelo exército italiano e conduzida para a Itália. Retidos inicialmente em um pequeno vilarejo no Norte do país onde sua vida muitas vezes mesclava-se à dos camponeses da região, foram conduzidos mais tarde para o campo de concentração de Ferramonti ao sul. Quando este foi libertado pelos soldados norte-americanos, seguiram para a Sicília e finalmente Roma, onde já podiam viver em liberdade. Alguns anos depois, a família imigrou para o Brasil. O relato desta trajetória por meio do olhar de uma das filhas é o foco deste artigo.

Palavras-chave: Memória. Segunda Guerra Mundial. Ferramonti.

Abstract: During World War II, the family Dohan/Sprung fleeing from the Nazi persecution of Jews in the former Yugoslavia was detained by the Italian army and taken to Italy. Held initially in a small village in the north of the country where their life often mingled with the peasants of the region, they were taken later to the concentration camp of Ferramonti in the south. When it was liberated by the American soldiers, they went to Sicily and finally to Rome, where they could live in freedom. Some years later, the family immigrated to Brazil. The report of this journey through the eyes of one of the daughters is the focus of this article.

Keywords: Memory. Second World War. Ferramonti.

Introdução

Tenho que começar pelo lado de dentro. Não que pretenda me furtar ao rigor científico, mas devo explicar o que me trouxe até aqui e o que me move adiante. A noção do silêncio, seja por desconhecimento, esquecimento fortuito ou necessário, ou então fruto do mero acaso, já me acenava um caminho a seguir, mesmo quando não tinha consciência de sua presença. A constante sensação de descolamento de minha própria história dava indícios de que havia algo a ser



desvendado. Falo de um calar que pretende seguir em frente sem o derradeiro olhar, ou da narrativa que simplesmente se dilui na vida, deixada de lado na passagem das gerações.

A história de meus antepassados nunca me foi omitida, mas sentia falta de laçadas que arrematassem o enredo. Minha avó materna costumava me contar as passagens de sua juventude, e hoje, quando não há esforço que me traga essa memória à tona, me arrependo de não ter sido mais precavida em registrar cada pequeno detalhe, cada pausa, cada suspiro parado no ar. Mas como poderia saber que a paixão por ouvir histórias já fazia parte do meu ser? Antes parecia um tempo passado juntas, a jogar conversa fora. E de fato foi.

Impossível recuperá-lo. Decidida a consertar os hiatos de minha narrativa, saio a campo. Os mais velhos já se foram. Restam poucos testemunhos de uma história que é minha, mas eu não vivi. Minha mãe era muito criança na época; talvez guarde algumas impressões difusas. Mas minha tia, poucos anos mais velha, já construía dentro si desse referencial afetivo.

Durante a Segunda Guerra Mundial, minha família, sendo de origem judaica, deixaria a antiga Iugoslávia, aportando no Brasil após um período vivido na Itália. Vieram meus avós maternos, minha mãe e sua irmã, a minha tia, os bisavós, apesar de nunca ter conseguido compreender exatamente quais, e uma tia-avó, irmã de meu avô, que tinha sérios problemas de visão devido ao sarampo e trabalhou por muitos anos no Lar das Crianças mantido pela CIP, a Congregação Israelita Paulista. O tempo passado na Itália sempre me pareceu obscuro, uma história distante e cheia de interrogações.

Muito pouco se fala, seja nos meios acadêmicos ou comunitários, no Brasil ou internacionalmente, sobre a história dos judeus na antiga Iugoslávia e mesmo sobre a daqueles da Itália. Pouco se estuda a respeito das particularidades vividas por essas populações, especialmente quando se trata da Segunda Guerra Mundial.

Gostaria aqui de tecer alguns comentários sobre minha tia. Pesquisadora, artista plástica, sempre ativa e comunicativa, acabou por assumir o lugar de matriarca da família, talvez até mesmo sem a consciência de sê-lo. Sua paixão pelas viagens e a história das coisas a conduziram ao cargo de diretora de acervo do Museu Judaico de São Paulo, atualmente em construção. Há alguns anos a observo na cuidadosa elaboração dessa coleção. É com ela que pretendo conversar, e por meio de uma memória que é sua, dar conta daquela que também é minha.



Poucos dias antes da data agendada para nosso encontro, ela me telefonaria gentilmente oferecendo a cópia que fizera do *DVD* contendo uma entrevista concedida à Shoah Foundation, onde, entre outros fatos, narrava a passagem que me interessava, reforçando a importância de que eu conhecesse a história da família. Agradecida, optei por somente assistir a essa entrevista depois de nossa conversa para que, dessa maneira, pudesse, por um lado, experimentar o lugar de pesquisadora mantendo certa distância racional dos fatos, e por outro, devido à proximidade intrínseca ao trabalho de resgate, conhecesse o lugar daquele que constrói a própria história dentro de si, tecida com os fios da memória.

1 Contexto histórico

1.1 Iugoslávia

Antes da eclosão da Segunda Guerra Mundial, 15,5 milhões de pessoas viviam na antiga Iugoslávia, das quais cerca de 80 mil eram judias. Até a ascensão de Hitler ao poder, havia poucas manifestações antissemitas; no entanto, com o aumento sistemático da perseguição aos judeus na Alemanha nazista, o antissemitismo na Iugoslávia também cresceu. O governo iugoslavo criou duas leis antissemitas em outubro de 1940. A primeira fixava uma cota para judeus nas escolas secundárias e universidades e, a segunda, proibia os judeus de comprar e vender determinados gêneros alimentícios.

Após a invasão alemã na Iugoslávia em abril de 1941, o país foi dividido entre a Alemanha e seus aliados. As regiões da Croácia e da Bósnia e Herzegovina foram unidas em um Estado Fantoche – o chamado Estado Independente da Croácia – governado pelo movimento fascista *Ustaša*, que imediatamente iniciou uma campanha de limpeza étnica, instituindo um regime de terror, matando sistematicamente sérvios, judeus e ciganos. A concentração de judeus em campos teve início em junho de 1941. O ajuntamento dos judeus de Sarajevo começou em agosto de 1941 e se manteve até o início de 1942. Os homens foram enviados para o campo de concentração de Jasenovac¹ – apenas poucos voltaram vivos – e as mulheres e crianças foram enviadas para dois campos – Lobograd, de onde foram deportados para Auschwitz em agosto de 1942, e Djakovo, onde muitos morreram de epidemias ou foram enviados para outros campos. Dos 14 mil judeus da Bósnia de antes da guerra, 12 mil pereceram. Na Sérvia, todos os 16 mil judeus foram deportados ou assassinados no período de um ano. Na Macedônia, mais de 7 mil judeus foram mortos e apenas 1 mil



sobreviveram. Em Backa, jovens judeus foram submetidos a trabalhos forçados, sendo concentrados em três campos. Em 1944, mais de 10 mil judeus dessa região foram deportados para Auschwitz.

Os judeus que viviam em Montenegro ou na costa Adriática tiveram melhor sorte. Sob domínio italiano, o governo, exército e o Ministério das Relações Exteriores trabalharam juntos para proteger os judeus dos alemães, salvando cerca de 5 mil almas.

Durante o governo italiano foram recebidos 3.800 "judeus estrangeiros" na Dalmácia. Muitos vieram da Bósnia e Herzegovina, Croácia e da Sérvia, e também alemães, austríacos e poloneses. Essa população foi gradualmente removida e internada na Itália. As transferências tiveram início em 20 de novembro de 1941, e chegando à Itália, foram internados nas províncias de Vicenza, Treviso, Asti, Aosta e Parma. No início de janeiro, as transferências tiveram de ser suspensas, devido à superlotação das cidades e campos italianos.

Ao todo, cerca de um milhão de iugoslavos, dos quais 66 mil judeus foram mortos no Holocausto.

1.2 Itália

Quando a Itália entrou oficialmente na Guerra em junho de 1940, Mussolini intensificou medidas antijudaicas. Massas de "judeus estrangeiros" foram presas, e no início de setembro, o Ministério do Interior italiano ordenou a criação de 43 campos, onde "inimigos estrangeiros" e os adversários italianos do governo fascista deveriam ser detidos:

Havia campos de várias categorias, como os de prisioneiros de guerra, organizados de modo militar; os de concentração, que limitavam a liberdade individual e cujos prisioneiros haviam sido detidos tanto por motivos políticos, quanto por estarem incluídos nas leis raciais, e, finalmente, a internação livre que consistia na prisão domiciliar. (CAMPAGNANO, 2007, p. 160)

Esses campos, que de maneira alguma podem ser considerados confortáveis, estavam muito longe da realidade dos campos de extermínio nazistas – de um modo geral, os membros das famílias foram autorizados a viver juntos, estabeleceram-se escolas para as crianças, e havia atividades sociais e culturais para todos.



Um único campo foi especialmente construído em Ferramonti-Tarsia, ao norte de Cosenza, na Calábria. Em todos os outros casos, foram requisitados ou alugados edifícios já existentes: mosteiros, asilos, quartéis, teatros e casas desabitadas, que chegavam a abrigar até duzentas pessoas cada. O campo de Ferramonti, nos meses imediatamente anteriores à libertação, chegou a conter mais de 2.000 prisioneiros, dos quais cerca de 1.500 eram judeus.

No Decreto de 4 de setembro de 1940 sobre o internamento, é dito expressamente que os prisioneiros deveriam ser tratados com humanidade e protegidos contra qualquer ataque e violência. Esse princípio, com raras exceções, foi observado e os judeus internados não receberam tratamento pior do que o de outros prisioneiros. Não houve relatos de crueldade ou tortura na Itália. O internamento em um campo, no entanto, significou uma limitação considerável da liberdade pessoal. Pessoas foram arrancadas de suas famílias, de suas casas, de seu ambiente e agrupadas de acordo com as possibilidades de cada campo. Os acampamentos eram guardados; porém, exceto em Ferramonti, não havia cercas de arame farpado. Somente em casos excepcionais, como necessidade de intervenção médica de emergência, foram concedidas autorizações de saída.

Como regra, os internos não podiam trabalhar, mas recebiam um subsídio diário de 6,50 Liras para a sua subsistência. Era apenas o suficiente para comer e dificilmente permitia a substituição de roupas desgastadas. Devido à crescente dificuldade de abastecimento, os prisioneiros passaram fome; as condições de higiene eram precárias e o aquecimento, nos meses de inverno, não era suficiente. No campo de Ferramonti foram relatados mais de 800 casos de malária, mas não houve vítimas fatais.

Nos campos maiores, foi permitida aos prisioneiros a autogestão. Em Ferramonti um conjunto de representantes elegeu o porta-voz do campo e criou numerosas comissões para aspectos educacionais e culturais e cuidados à saúde, uma farmácia, uma sala de emergência, três sinagogas, uma capela católica e uma ortodoxa grega.

O destino dos judeus italianos e estrangeiros foi diferente ao norte e ao sul da linha de frente. As regiões do sul e as ilhas foram território seguro para os judeus até outubro de 1943, quando 1500 “judeus estrangeiros” presos em Ferramonti foram libertados.



Ao norte da linha de frente, no entanto, mais de 20% da população judaica foi presa em campos de concentração e deportada para campos de extermínio nazistas. Segundo dados do Yad Vashem, de setembro de 1943 a janeiro de 1944, 3.110 judeus foram enviados para Auschwitz. No decorrer de 1944, outros 4.056 foram deportados para o leste. 4.500 judeus italianos que viviam em territórios anteriormente sob o governo italiano também foram entregues. 173 judeus foram assassinados na própria Itália. Ao todo, cerca de 15% dos judeus da Itália morreram durante o Holocausto. A grande maioria da população judaica do país sobreviveu graças à ajuda de civis e militares italianos.

2 Memória e história

O depoimento acerca de um momento histórico presenciado confere-lhe a densidade que somente a vida cotidiana pode oferecer. Do preto e branco oficial, o relato particular empresta ao fato todo o extensivo colorido da paleta. No entanto, Bosi nos alerta que “a memória oral é um instrumento precioso se desejamos construir a crônica do cotidiano. Mas ela sempre corre o risco de cair numa ‘ideologização’ da história do cotidiano, como se esta fosse o avesso oculto da história política hegemônica.” (2004a, p. 15)

Sem que lhe conteste a veracidade, deve-se lhe atribuir o sentido de conferir personalidade à história, enriquecendo-a com detalhes invisíveis a quem não a testemunhou. Reconhecer o valor da memória e da narrativa oral é perceber a beleza e poesia inerentes à própria vida. Arendt vem nos lembrar que “sem a beleza, isto é, a radiante glória na qual a imortalidade potencial é manifestada no mundo humano, toda a vida humana seria fútil e nenhuma grandeza poderia perdurar.” (2007a, p. 272)

Evoco os sonhos de menina, e tal qual brincadeira de roda, na ingenuidade infantil que desconhece as distâncias do tempo e espaço, percorremos juntas, minha tia e eu, as trilhas da memória. O olhar feminino confere a atenção aos detalhes e a consciência das camadas dos processos de elaboração da lembrança. Convidamos para essa aventura nossos antepassados e as futuras gerações, tecendo cuidadosamente os significados.

Questionada a respeito da eventual dor que tal empreitada pudesse me causar, curiosamente desperto para a plenitude que preenche os vazios de minha própria narrativa. As fotos antigas de família há anos penduradas na parede da sala como que se materializam, ganhando nomes, data e lugar e passam a ostentar uma identidade que me diz respeito. A súbita percepção do par da



mesa de canto, coberta por uma toalha de crochê bege da mesma safra na sala de estar de minha tia, faz reviver a imagem de minha avó, sentada na poltrona junto à grande janela que lhe iluminava o trabalho.

Na sucessão dos eventos, o desenrolar de delicada teia traça a jornada dos números computados, que, um após o outro ganham identidade, aptidões e sonhos. “A história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ‘agoras’,” diz Benjamin. (1994a, p. 229)

3 Memória e relato

Em 1941, o jovem Dr. Rodolfo Sprung, meu avô, ainda na casa dos vinte anos, salvou mais de uma dezena de familiares da morte que andava à espreita. A proximidade aos acontecimentos conferida pelo exercício do serviço militar, aliada à criatividade e astúcia cujos resultados eu viria a conhecer anos mais tarde, sustentaram suas decisões rápidas e precisas. Como me relatou minha tia:

Meu pai era médico, e quando começou a guerra, ele estava no exército iugoslavo, e ele foi feito prisioneiro pelos alemães. Um dia te conto toda história de como ele fugiu, mas ele conseguiu fugir e foi parar em Split, que é na Dalmácia, na antiga Iugoslávia. Aí começaram a aparecer os alemães, começaram a levar os judeus, e meu pai resolveu mandar prá nós documentos falsos. Os primeiros documentos falsos que ele conseguiu foi prá mim, prá minha mãe, e prá minha irmã, a tua mãe. [...] Chegamos em Split, meu pai nos recebeu, e nós não ficamos em Split, ficamos em um dos vilarejos lá perto, umas praias, que depois eu visitei, e vi, existe ainda – Kastel Stafilic. [...] Depois ele mandou os documentos prá meus avós, os pais da minha mãe, otata e omama,² e eles vieram de Sarajevo. Depois ele mandou também prá irmã da minha mãe, a Greta, que veio com o filho, o meu primo Eko, que na verdade é Alexander. [...] Aí veio a Greta com Eko, que hoje em dia mora nos Estados Unidos, e depois meu pai mandou também para os pais dele, que eram Herman e Stella, minha avó sefaradi.³ Veio também o meu tio Max, que era mocinho ainda naquela época, devia ter



uns dezessete anos, por aí, e a minha tia Emília, irmã do meu pai.⁴

Agilidade e presença de espírito eram ingredientes que poderiam significar a diferença entre a vida e a morte. Abandonar a terra natal e mergulhar no vazio do desconhecido nem sempre parecia ser a melhor escolha. Com o fantasma do desenraizamento a assombrá-los, aqueles que ficaram nem sempre tiveram melhor destino:

E meu pai tinha mandado (documentos) também para irmã dele, prá Vilma, pro marido dela e os dois filhos dela. [...] e eles não quiseram vir, porque eles falaram que estavam muito bem, que ninguém ia mexer com eles, que eles tinham tantos amigos, bom, eu só sei que no fim eles foram levados prá Jasenac, um campo de concentração na Jugoslávia, onde eles matavam todos, e morreram todos lá. Não sei se é Jasenac ou Jasenovac, acho que é Jasenovac.

“A verdadeira imagem do passado perpassa, veloz. O passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido.” – afirma Benjamin (1994b, p. 224). O olhar da menina permanece guardado com delicadeza nas lembranças de minha tia:

Quando nós estávamos em Kastel Stafilic, eu não sei por que um dia meu pai e o otata eles foram prá Split [...] e eles foram pegos, e pegaram uma série de judeus, que fecharam no cinema e passaram a noite no cinema. Mas isso era pelos soldados italianos, porque toda aquela região era ocupada pelos italianos. Aí no fim eles resolveram que iam levar todos nós para a Itália. Todos nós fomos prá Split, e tinha um navio, no qual eles nos puseram. [...] aí nós fomos jantar. O jantar foi pasta i fagioli. Era uma sopa de feijão e macarrão, uma delícia. Aí eles vieram perguntar prá minha mãe se ela queria mais, ela disse – não, não, chega de sopa, eu vou comer o outro prato – mas não tinha outro prato, era só aquele! Até hoje eu quero comer uma sopa como esta! Pasta i fagioli!



“O que é um ambiente acolhedor? Será ele construído por um gosto refinado na decoração ou será uma reminiscência das regiões de nossa casa ou de nossa infância banhadas por uma luz de outro tempo?” – questiona Bosi. (2010a, p.74). Não era a primeira vez que eu escutara esta história, que, dentre outras, tornara-se objeto de uma quase devoção na família. A lembrança de escutá-la na voz de minha avó ressurgiu docemente como mornos raios de sol bem-sucedidos em atravessar as nuvens do esquecimento.

A memória da tia-menina cria corpo por meio de sentimentos e sensações que habitam seu universo. Revista e reconstruída inúmeras vezes no decorrer da vida, organiza-se em forma de discurso. “[...] a função da memória é o conhecimento do passado, que se organiza, ordena o tempo, organiza cronologicamente. [...] O passado revelado deste modo, não é o antecedente do presente, é a sua fonte.” (BOSI, 2010b, p. 89)

Uma relação inesperada se estabelece no árido ambiente da guerra. Algo sutil se delineia no reconhecimento da condição do outro. Arendt afirma a respeito do humanismo: “[...] é o resultado da *cultura animi*, de uma atitude que sabe como preservar, admirar e cuidar das coisas do mundo.” (2007b, p. 280) Continua:

Aí nós chegamos em Trieste, e nos puseram num trem. Todos fomos neste trem até Torino, em Torino, não sei como nos mandaram prá Castelnuovo don Bosco, que é um vilarejo pequeno entre Torino e Asti. E eu sei que quando estávamos no trem, tinham colocado algemas no meu pai, e a mão dele inchou muito, então minha mãe foi pedir prá que eles soltassem um pouquinho as algemas. Você acredita que os italianos, tão formidáveis, soltaram ele? Não, prá mim, italiano é um povo que eu adoro, eu tenho uma admiração muito grande. Realmente eles nos salvaram a vida, e não podemos falar nada, nós. Eu sei que teve problemas com outros judeus, os italianos, mas nós, os prisioneiros, não podemos falar nada.

Longe dos campos de extermínio nazistas, a vida na Itália seguia num misto de normalidade e privação. Se a comida era escassa e o cerceamento à liberdade para fora dos limites do vilarejo uma realidade, pode-se de alguma maneira perceber os contornos da essência humana na relação com a população local. Na contramão do destino de tantos judeus de origem italiana, os “judeus estrangeiros”, como eram conhecidos aqueles oriundos de territórios ocupados pela Itália, mesclavam-se à rotina dos camponeses da região. Conta:



E uma coisa que eu sei, é que meu pai trabalhava como médico, e a única prova que eu tenho de que ele trabalhava lá, foi que eu descobri não faz muito tempo, eu tinha um atlas. Naquela época não tinha atlas prá comprar, novo, e ele comprou um atlas velho, e minha mãe colou todo o atlas com papel vagabundo, papel de pão [...] com cola de farinha. Então eu fui tirando todos aqueles papeis, e fiz o tratamento de restauro. E de repente eu comecei a tirar um papel que era mais claro, e eu fui abrindo, e de repente eu vi escrito Dott – doutor. Não é que quando eu tirei, tava escrito Dott. Rodolfo Sprung, receituário, Castelnuovo don Bosco? E não é que eu tenho? É uma prova! É a única prova que eu tenho, que nós temos. [...]

Quando foi feita a colheita da uva, os homens todos estavam na guerra, os italianos. Então todo mundo foi ajudar os italianos na colheita. [...] e depois eles fizeram uma mesa enorme, como costumavam fazer os camponeses, e nos deram almoço, [...] e todo mundo comeu. E a uva, eles tinham colocado dentro de umas barricas, e entrou nesta barrica a vovó Paula, minha mãe, e a Greta. Arregaçaram a saia e ficaram tchic tchic, tchic, pisando, porque era assim que se fazia.

E depois tem outro fato bonito, quando era feita a colheita do trigo, então meu avô se lembrou da história de Ruth, e ele foi pegar o que sobra dos trigos, e conseguia sempre meio saco, qualquer coisa. Quando os camponeses viram o que ele estava fazendo, eles começaram a deixar, e aí ele conseguia um saco, que depois ele levava, se moía, se fazia, etc. Então prá você ver o quanto eles foram bons com a gente, os camponeses. E a história de Ruth se repetiu. Porque foi isto que a Ruth estava fazendo, aí ela conheceu o marido dela, da bíblia, que ela foi catar os restos da colheita de trigo. A nossa história de novo.

Uma das três meninas selecionadas para estudar no internato que abrigava crianças italianas na cidade vizinha, Ruth vivenciaria a angústia pela separação da família. Distante de seus referenciais internos mais caros, ainda sem dominar



o idioma local, experienciaria, talvez, pela primeira vez, a dor do desterro. Mais de uma vez em sua fala menciona as gravuras que produz, atualmente, consciente do caráter libertador da arte. Elaborava, assim, os elementos do passado, ressignificando-os no presente por meio do processo criativo. Um exemplo, quando fala do colégio interno em Turim:

Até tenho a foto com aquele uniforme horroroso, horrível aquilo, eu me sentia muito mal. E eu vivia sempre grudada naqueles dois meninos, por isso que eu gostaria muito de encontrar eles, prá ver o que que eles se lembram desta época, porque o Raul era um pouquinho mais velho e o Branko era um pouquinho mais novo, mas dá, com certeza eles se lembram. Porque nós estivemos muito unidos, eu tenho muitas histórias deles, inclusive fiz muitas gravuras. Até tem uma chamada, o famoso segredo, que é só nós três que temos o segredo.

Outro, ainda em Split, quando a família foi embarcada para a Itália:

E eu me lembro como hoje, isso é uma gravura que eu tenho que fazer ainda, nós estávamos indo pro navio, e minha mãe pegou um menino pela mão, pensando que era eu, e minha mãe foi puxando o menino, e eu indo atrás, minha mãe não percebeu que aquele menino não era eu!

“Por muito que se deva à memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador e das camadas do passado a que tem acesso pode obter objetos que são, para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum.” (BOSI, 2010c, p. 411) Segue o relato:

Aí o Hitler pediu que nós fôssemos entregues prá eles. Então os italianos, e Mussolini, nos mandou pro campo de concentração de Ferramonti, que era no sul da Itália, na Calábria. [...] Quando chegamos em Ferramonti, nós tínhamos um quarto, minha mãe, me lembro como hoje, [...] pegou um lençol, não sei como ela fez isso, [...] e ela separou um pedaço do quarto prá dormir, um pedaço do quarto prá, [...], sei eu o que que era... só sei que ela dividiu o quarto em duas, três parte. Sim! Meu pai como



médico também atendia as pessoas, [...] claro que não cobrava nada, mas ele atendia as pessoas do campo.

Éramos duas mil pessoas, uma coisa assim. Mas tínhamos tudo lá. [...] tinha um monte de gente, não eram só judeus. Tinha um padre, tinha um padre protestante, tinha de tudo. [...] Aí resolveram fazer uma escola, e nessa escola também nos ensinavam ler, escrever, falar, [...] matemática, e tinha gente que começou a ensinar a gente hebraico. Tinha umas pessoas que aprenderam, meu primo diz que ele aprendeu, que ele até hoje lembra, eu zero! Aquilo não entrava na minha cabeça. É que eu não sentia necessidade. Prá que que eu ia precisar aprender falar hebraico naquela hora da minha vida?

A certa altura de minhas investigações, me deparo com datas que me surpreendem. Me apresso em checá-las com minha tia – quanto tempo passaram em Ferramonti? E o tempo do colégio interno? Conferem. Poucos meses cada. “Existe, – sustenta Bosi – dentro da história cronológica, outra história mais densa de substância memorativa no fluxo do tempo. Aparece com clareza nas biografias; tal como nas paisagens, há marcos no espaço onde os valores se adensam. O tempo biográfico tem andamento como na música...” (2004b, p. 23):

Bom, aí, abriram os portões, eram os ingleses que nos liberaram e junto com eles veio uma brigada, não sei como chama, de palestinos, judeus. E quando eles viram que nós éramos judeus, eles nos trataram, nos puseram nos caminhões deles, levaram prá passear, nós cantávamos com eles todas as músicas judaicas, sabíamos todas as músicas e cantávamos com eles. Foi tão bonito isso...

E eis que no encontro com os seus, o que num momento anterior carecia de sentido, ganha contornos de graça. O que se apresentava como experiência individual por conhecer-lhes os meandros sinuosos do cotidiano, responde ao eco do coletivo.

Ainda segundo Bosi,

A história deve reproduzir-se de geração em geração, gerar muitas outras, cujos fios se cruzem, prolongando o



original, puxados por outros dedos. [...] O narrador é um mestre do ofício que conhece seu mister: ele tem o dom do conselho. A ele foi dado abranger uma vida inteira. Seu talento de narrar lhe vem da experiência; sua lição, ele extraiu da própria dor; sua dignidade é a de contá-la até o fim, sem medo. Uma atmosfera sagrada circunda o narrador.”(2010d, p. 90)

Considerações finais

Para Weil, “o método para compreender os fenômenos seria: não tentar interpretá-los mas olhá-los até que jorre a luz. Em geral, método de exercer a inteligência que consiste em olhar. [...] A condição é que a atenção seja um olhar e não um apego.” (1950 citado BOSI, 2003).

O impulso primeiro que me fez navegar ao som da palavra dita, no tato dos objetos e das fotografias antigas de família, retrocedendo e avançando no tempo em movimentos compassados, me guiou para um novo lugar interno. Não somente me aproprio da história, construindo novos elos de identidade, como reconheço no outro a beleza inerente aos guardadores de tesouros.

As horas debruçadas na coleta dos dados oficiais, o tratamento das imagens e finalmente a elaboração de todo o processo me conduziram a camadas profundas, talvez ocultas. Como elemento facilitador da narrativa, ajudo a trazer à tona signos antes particulares que passam a reverberar na busca pelos seus pares.

Encerro essa etapa com algo de ritual. Visito o túmulo de minha bisavó, a única que foi enterrada no antigo cemitério judaico da Vila Mariana em São Paulo. Conforme o costume judaico, coloca-se pequenas pedras sobre a lápide para atestar a presença. Deixo três: uma para cada geração que me liga a ela.

O segredo das três crianças no internato de Turim permanece oculto. Este, por sua natureza, não me foi revelado. Que outros silêncios permaneceram no esquecimento, talvez não se saiba, ou quiçá, despertados por alguma fagulha, se façam vivos novamente.

Bechol dor vador, chaiáv adam lirót et atsmó, keilu hú iatsá mimitsráim. Em cada geração, cada um deve se perceber como se ele mesmo tivesse saído do Egito. (TALMUD, Pessachim 116b). O trecho talmúdico, repetido a cada ano em todos



os lares judaicos no rito pascal, confere a responsabilidade a cada indivíduo perante os fatos da história, e clama: Seja parte, para tornar-se inteiro.

* **Rafaela Barkay** é mestranda do Centro de Estudos Judaicos e Árabes do Departamento de Letras Orientais da Universidade de São Paulo (USP) e graduada em Fonoaudiologia pela mesma instituição.

Notas

¹ *Jasenovac*: campo de extermínio no Estado Independente da Croácia durante a Segunda Guerra Mundial. O único campo de extermínio que não foi operado pelos alemães.

² Otata e omama: vovô e vovó em alemão.

³ *Sefaradi* (pl. *sefaradim*): judeus originários da Espanha, expulsos em 1492 e que se dispersaram pelo Império Otomano, especialmente nos Bálcãs e na atual Turquia.

⁴ Entrevista concedida a Rafaela Barkay por Ruth Sprung Tarasantchi, São Paulo, 11. out. 2012.

Referências

ARENDDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. Trad. Mauro W. Barbosa. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.

BENJAMIN, W. *Magia, técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. v. 1. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOSI, E. *O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

BOSI, Eclea. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BOSI, Eclea. A atenção em Simone Weil. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 14, n. 1, 2003. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010365642003000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 nov. 2012.

CAMPAGNANO, Anna Rosa; PETRAGNANI, Sema. *A milenária presença dos judeus na Itália: resgatando a memória da imigração dos judeus italianos no Brasil (1938–1941)*. São Paulo: Ateneu, 2007.



FREITAS, S. M. *História oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

ITALY. *Historical Background. Shoah Resource Center, The International School for Holocaust Studies*. Disponível em: <http://www1.yadvashem.org/odot_pdf/Microsoft%20Word%20-%206335.pdf> Acesso em: 5 nov. 2012.

PIZZUTI, A. Ebrei stranieri internati in Italia durante il periodo bellico. Disponível em: <<http://www.annapizzuti.it>>. Acesso em: 6 nov. 2012.

TALMUD, Tratado de Pessachim, p. 116b. Disponível em: <<http://www.chabad.org.br/biblioteca/artigos/pessukim/home.html>>. Acesso em: 11 nov. 2012.

THE RIGHTEOUS among Nations – Bósnia. *Historical Background. Shoah Resource Center, The International School for Holocaust Studies*. Disponível em: <http://www1.yadvashem.org/yv/en/righteous/stories/historical_background/bosnia.asp>. Acesso em: 5 nov. 2012.

YUGOSLAVIA. *Historical Background. Shoah Resource Center, The International School for Holocaust Studies*. Disponível em: <http://www1.yadvashem.org/odot_pdf/Microsoft%20Word%20-%206379.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2012.